

A Formação do Educomunicador:

15 anos na busca de uma mais profunda relação entre o profissional da comunicação/educação e o mundo das crianças e dos adolescentes.

Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

Coordenador do NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP

Prêmio Luiz Beltrão, 2005.

Professor Visitante da Marquette University, Milwaukee, WI, USA, 1999-2000

www.usp.br/nce

www.educomradio.com.br.

www.educomradio.com.br/centro-oeste

Resumo:

O NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP acaba de ser contemplado com o Prêmio Luiz Beltrão, oferecido pela Intercom, na qualidade de Grupo Inovador. Trata-se do mesmo grupo de pessoas que celebra, justamente nesta data, os 15 anos de certificação da primeira turma do Curso de Especialização em Comunicação e Educação, promovido, na ECA, pelo Departamento de Comunicações e Artes (CCA) da Universidade de São Paulo. Foram 15 anos de uma caminhada ininterrupta de pesquisas e ações propositivas que garantem, hoje, a legitimidade da idéia do re-lançamento da proposta da criação de uma Graduação e/ou Licenciatura em Educomunicação, para formar especialistas que dêem conta de forma apropriada da relação entre o mundo da mídia e o mundo da infância e da adolescência.

Um bacharelado já havia sido proposto por nós em 1993, durante um Congresso da ABT, no Rio de Janeiro e voltou a ser pensado, em 1999, pelos participantes do Encontro “Mídia e Educação”, promovido pelo MEC, em São Paulo, ocasião em que, os representantes de fundações, de mantenedoras de Institutos de Ensino Superior e de sindicatos de trabalhadores nas áreas da comunicação e da educação acolheram a

educomunicação, como “campo emergente”, motivando universidades e meios de informação a juntar esforços para formar o novo profissional: o “educomunicador”.

Palavras chaves: Educomunicação, Gestão democrática da comunicação, Mediação tecnológica na educação, Especialização e Bacharelado.

Mídia de qualidade é aquela feita pelas crianças e adolescentes ou pelos adultos com a colaboração dos jovens

Entre 2001 e 2004, um total de aproximadamente dez mil entre professores, alunos e membros das comunidades educativas de 455 escolas do município de São Paulo reuniram-se, aos sábados, na mais profunda das periferias da cidade, para viver uma experiência de prática comunicativa interativa, dialógica e participativa. Era o momento em que as crianças e adolescentes conviviam com seus professores e coordenadores e juntas socializavam seus saberes: os mais jovens ensinando o que sabiam sobre produção radiofônica e os segundos, compartilhando suas propostas de gestão da comunicação no plano pedagógica das escolas. Todos assistidos por um profissional: o Educomunicador, formado pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP. A experiência se repete, agora em escolas, aldeias indígenas, comunidades quilombolas e escolas urbanas dos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Experiência semelhante viveram 150 adolescentes, de 40 países, presentes ao World Summit Media for Children, ocorrida no Rio de Janeiro, em abril de 2004, num trabalho coordenado pela empresa municipal Multirio e pela ONG Mediativa: os jovens, a certo momento, pararam seus workshops para exigir maior participação nos debates que movimentavam mais de 2000 adultos, entre pesquisadores e diretores de mídia de todos os continentes. Afirmavam: “Mídia de qualidade é aquela feita pelas crianças e adolescentes ou pelos adultos com a colaboração dos jovens!”.

Há 15 anos!

Há 15 anos que um grupo de pesquisadores da Escola de Comunicações e Artes da USP vem perseguindo este ideal. Tudo começou com o primeiro Curso de Especialização em Comunicação e Educação, realizado entre 1989-1990 e que teve algo inusitado: 90% dos professores do Departamento de Comunicações e Artes aceitaram participar do projeto. A eles se somaram docentes do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão, assim como da Faculdade de Educação. Entre tantos, Maria Aparecida Baccega, Adilson Citelli, Dilma de Melo Silva, Luiz Roberto Alves, Osvaldo Sangiorgi, Elza Dias Pacheco, Mauro Wilton de Sousa, Heloisa Dupas Penteado e Maria Felismilinda Fusari, de saudosa memória.

A experiência ocorreu justamente no momento em que, ao assumirmos a presidência da UCLAP – Unión Católica Latinoamericana de Periodismo, com sede em Quito, Equador, incluímos no programa da entidade o desenvolvimento de uma proposta latino-americana de pós-graduação que superasse a visão estruturo-funcionalista dos programas em vigor no continente e resgatasse a experiência latino-americana de gestão dos processos comunicativos, sob influência da nascente teoria das mediações culturais.

A UCLAP convocou reuniões para discutir o projeto em Quito (Equador), em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), em Porto Alegre (Brasil) e em Santiago (Chile), dele resultando uma proposta que acabou sendo implantada junto à Faculdade de Jornalismo da Universidad Nacional de La Plata, Argentina, e no Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, em São Paulo. Trata-se do Curso de Gestão de Processos Comunicacionais, que no Brasil, mantém o nível de lato sensu, e, na Argentina, o de mestrado, stricto sensu.

No Brasil, a experiência - implantada e coordenada pelo Profa Maria Aparecida Baccega - chega à sua 16^a. versão, com um total aproximado de 300 formados, quase todos empregados na área. Uma particularidade: o curso de gestão adotou, desde seu início a inter-relação Comunicação/Educação como um de seus focos, dedicando a esta interface dois de seus oito Núcleos teóricos.

Com o Curso de Gestão, veio a Revista *Comunicação & Educação* que optou por uma receita que inclui a palavra do produtor midiático, do pesquisador e do receptor, assim

como do promotor de práticas pedagógicas a partir do uso dos processos e dos meios de comunicação.

Inadequada, Irrelevante!

Foi no contexto da efervescência das idéias que emanavam da recente prática de formação de especialistas, que o CCA decidiu propor, em 1994, aos órgãos competentes da Escola de Comunicações e Artes da USP, a criação de uma Graduação e de uma Licenciatura em Comunicação e Educação. A idéia não chegou nem mesmo a ser encaminhada, pela autoridade competente, à Comissão de Graduação.

Em 1996, uma segunda proposta do grupo foi recusada. Agora, era a COMPÓS – na ocasião, reunida na ECA –, que não Aceitava a proposta de formação de um GT sobre Comunicação e Educação. O motivo alegado foi a falta de verba para garantir que mais um coordenador de GT pudesse tomar parte nas reuniões. Entendendo que as sucessivas recusas em considerar as propostas do grupo tinham causas ideológicas, ou, simplesmente, eram motivadas pelo desconhecimento da questão posta, os 40 pesquisadores que haviam mobilizado esforços em torno da idéia do GT, na COMPÓS, tomaram a iniciativa de criar um núcleo de pesquisa independente. Sua missão seria explicitar para a sociedade, mais que para a academia, a natureza da relação Comunicação/Educação.

Assim nasceu o NCE – Núcleo de Comunicação e Educação, aberto a pesquisadores de outros centros e de outros Institutos de Ensino Superior. O Núcleo lançou-se imediatamente à pesquisa, uma primeira sobre o audiovisual na educação e um segunda, sobre a representação que os promotores da inter-relação alimentavam sobre o tema.

Novo revés: agora era o CNPq que não reconhecia valor acadêmico ao projeto de pesquisa. Em sua resposta o órgão oficial de apoio à ciência informou que seu “parecerista” havia concluído que o tema era “irrelevante” por carecer de legitimidade científica, esta, garantida – segundo ele – pelo volume de demandas na área. Como ninguém havia pensado no tema antes (portanto era inédito), o assunto simplesmente não existia para a academia!

Inadequada para a ECA e irrelevante para o CNPq, a proposta do NCE teve, finalmente, uma acolhida vibrante junto à FAPESP. Estávamos em 1997.

Realizada em dois anos (1997 a 1999), a pesquisa chegou, ao seu final, à conclusão de que a resistência do ensino formal à relação Comunicação/Educação não era privilégio da ECA, da COMPÓS ou do CNPq. Era inerente a todo o sistema de produção simbólica e representativa, dada a visão iluminista e funcionalista que a sustentava. Descobriu, mais, que era na sociedade civil, especialmente no chamado movimento popular dos anos 60 a 80, assim como nas organizações sociais voltadas para a promoção da cidadania através do exercício da “comunicação dialógica” de matriz freiriana¹ e da “gestão democrática da comunicação”, de matriz kapluniana², que algo novo estava ocorrendo. Chegava, assim o NCE à conclusão de que a inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação já havia alcançado densidade própria e se afigurava como um campo de intervenção social específico, oferecendo um espaço trabalho diferenciado que vinha sendo ocupado, em toda a América Latina, pela figura emergente de um profissional a que o Núcleo passou a denominar de "Educomunicador".

Para além da “leitura crítica”: NCE ressemantiza o conceito da “educomunicação”

Tomamos como referência para a elaboração deste artigo, os fatos mais relevantes da trajetória do conceito da educomunicação e de suas práticas desde os Cursos de Especialização da ECA, iniciados em 1989. No entanto, era do início dos anos 70 nossa preocupação e envolvimento pessoal em torno da prática da análise sistemática dos meios de informação e sua produção, para efeito de formação dos consumidores dos bens simbólicos distribuídos pela indústria cultural. Partilhávamos das mesmas preocupações de José Marques de Melo, Frei Romeu Dale José Manoel Morán, João Luis van Tilburg, Pedro Gilberto Gomes, Joana Puntel e tantos outros líderes do Projeto de “Leitura Crítica da

¹ - Paulo FREIRE. *Comunicação ou Extensão?*, RJ, Paz e Terra, 1976.

² - KAPLÚN é autor de um estudo clássico sobre o tema denominado. *El Comunicador Popular* (Buenos Aires, Lumen Humanitas, 1996), reeditado posteriormente, com complementações, na Espanha, com o título de *Una Pedagogía de la Comunicación* (Madrid, Ediciones de la Torre, 1998).

Comunicação” da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação³. Para nosso trabalho tínhamos uma referência latino-americana: Mário Kaplún, autor de uma metodologia de análise de canções populares e de outras produções radiofônicas denominada “cassete-fórum”

O reconhecimento ao trabalho de Mário Kaplún encontra-se registrado em nosso texto *Educom.rádio, na trilha de Mario Kaplún*, apresentado durante o Congresso da CELACOM, no campus da UMESP, em São Bernardo do Campo, em maio de 2005, através do qual tivemos oportunidade de esclarecer que o conceito da educomunicação usado por Kaplún para designar exclusivamente os esforços em torno da denominada “educação para a comunicação” ou “leitura crítica dos meios”, passava a ser usado, a partir de 1999, pelo NCE/USP, para significar, especificamente, o conjunto das ações presentes no movimento de construção de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos em espaços educativos, possíveis graças à gestão democrática dos recursos da comunicação. Nesse caso, a “educação para a comunicação”, prática trabalhada pelo grupo da UCBC e pelo próprio Kaplún, passava a ser identificada como uma das áreas do novo campo.

A pesquisa que levou à ressemantização do conceito da educomunicação tomou como amostragem um grupo de 178 especialistas, entre pesquisadores e coordenadores de projetos na interface entre a comunicação e educação, de 12 países da América Latina e Península Ibérica. Destes, 67,61% eram brasileiros; 7,95%, argentinos; 7,39%, espanhóis; 3,41% mexicanos, além de um número percentualmente menor - ao redor de 1,70%, em cada caso - de venezuelanos, uruguaios, cubanos, chilenos, bolivianos, peruanos, paraguaios e de latino-americanos residentes em países como Israel, França e Itália.

O que o projeto de pesquisa pretendeu - através da análise dos dados primários extraídos dos questionários, de 24 entrevistas em profundidade, assim como do conjunto de informações obtidas nos *workshops*, seminários e congressos⁴ promovidos pelo NCE, ao

³ - Ismar de Oliveira SOARES, “A contribuição das ciências sociais para a avaliação dos programas de educação para a comunicação”, tese de livre docência, ECA/USP, 1990.

⁴ - Foram realizados, no campus da ECA, dois *workshops*, em com Dov Shinar e outro com Jesús Martín Barbero, assim como, já fora dos muros da USP, o Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, em maio de 1998, graças à colaboração oferecida pelo Instituto Cultural Itaú e o SESC- Pompéia, reunindo mais de 1.500 pessoas entre os quais 168 pesquisadores de 30

longo de toda a investigação – foi identificar como se estabelecem, no mundo contemporâneo, os espaços transdisciplinares que aproximam, tanto de forma teórica quanto programática, os tradicionais campos da Educação e da Comunicação.

O projeto investigativo partiu da evidência de que transformações profundas vinham ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, levando a uma derrubada de fronteiras, de limites, de autonomias e de especificações. Ao seu final, a investigação concluiu que efetivamente um novo *campo do saber* mostrava indícios de sua existência, e que já pensava a si mesmo, produzindo uma *meta-linguagem*, elemento essencial para sua identificação como objeto autônomo de conhecimento: o **campo da inter-relação Comunicação/Educação**.

Cotejados e analisados os dados, chegou-se à conclusão de que as principais hipóteses levantadas no início do trabalho haviam sido confirmadas, a saber:

A - "Formou-se, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de *Inter-relação Comunicação/Educação*".

B - A *Inter-relação Comunicação/Educação* está inaugurando um *novo paradigma discursivo transversal*, estruturando-se de um modo *processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo*, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social.

C - Confirmou-se, finalmente, como possíveis materializações do campo, quatro áreas concretas de intervenção social, quais sejam:

1ª. A área da “educação para a comunicação”, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação, assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios (Educação para a Comunicação, "Media Education" ou "Media Literacy").

países dos cinco continentes. Os textos do congresso foram trabalhados na dissertação de mestrado de Valéria Barri, defendida na ECA, em 2002.

2ª A área da “mediação tecnológica na educação” compreendendo os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação.

3ª A área da “gestão comunicativa”, designando toda ação voltada para o planejamento, execução e avaliação de planos, programas e projetos de intervenção social no espaço da inter-relação Comunicação/Cultura/Educação,

4ª A área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação como fenômeno cultural emergente, o que, no campo da academia, corresponde ao conjunto dos estudos sobre a natureza do próprio fenômeno constituído pela inter-relação em apreço.

Uma quinta área acabou sendo desenhada e agregada, a partir de pesquisa complementar realizada em Salvador, Bahia, através do uso dos mesmos instrumentos metodológicos do NCE: a área da “expressão comunicativa através das artes”, uma prática muito em uso especialmente por organizações não governamentais na formação de crianças e adolescentes em condições de risco, na América Latina Estados Unidos.

Os pesquisadores entenderam, contudo, que as cinco áreas não são excludentes, nem são as únicas. Representam, apenas, um esforço de síntese, uma vez que parecem aglutinar as várias ações possíveis no espaço da inter-relação em estudo.

O perfil do Educomunicador

De acordo com o resultado da pesquisa, o educador é o profissional que, atuando numa das áreas do novo campo, demonstra capacidade para elaborar diagnósticos no campo da inter-relação Educação/Comunicação; coordenar ações e gestões de processos, traduzidos em políticas públicas; assessorar os educadores no adequado uso dos recursos da comunicação ou promover, ele próprio, quando lhe cabe a tarefa, o emprego cada vez mais intenso das tecnologias como instrumentos de expressão dos cidadãos envolvidos no processo educativo; implementar programas de "educação pelo e para os meios" e refletir sobre o novo campo, sistematizando informações que permitam um maior esclarecimento

sobre as demandas da sociedade em tudo o que diga respeito à inter-relação Comunicação/Educação

A pesquisa levantou o perfil dos que haviam respondido o questionário e que passavam a ser definidos como “educomunicadores”:

- 50% dos 178 especialistas que responderam o questionário exploratório dedicavam-se, à época, à pesquisa (área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação);
- 47,16% dedicavam-se a projetos de educação para a comunicação, quer através de algum projeto específico quer através da prática curricular inserida no contexto escolar;
- 30% voltavam-se para a inclusão digital e tecnológica ou para o emprego sistemático das tecnologias na educação.
- 19% dos especialistas desenvolviam atividades entendidas como gestão da comunicação na educação.
- Uma pequena parcela de 4% dedicavam-se a atividades voltadas para a área da comunicação cultural com ênfase na utilização das várias linguagens artísticas com o objetivo de ampliar a expressão comunicativa das pessoas e grupos aos quais se dedicavam,
- E, finalmente, 3% desenvolviam algum tipo de ação voltada para o desenvolvimento da prática da cidadania, ou para a melhoria da qualidade de vida de seu público, mediante o emprego da comunicação.

Predominavam os especialistas com idade entre 42 e 52 anos. Constatou-se, também, a predominância absoluta de pós-graduados (2,6% com Pós-doutorado; 25,1% com Doutorado; 37,4%, com Mestrado e 29,7% com Especialização). Apenas 4,9% dos consultados permaneciam no nível da Graduação.

Verificou-se, desta forma, a existência de uma elite-pensante no novo campo, com alto grau de especialização, acompanhada, nos trabalhos práticos, por um grupo de profissionais suficientemente especializados. Existe, por outro lado, um grande contingente de vocacionados: jovens que aspiram desenvolver projetos na área caso as universidades abram espaços para seu desenvolvimento profissional.

Constatou-se que, no âmbito da atuação profissional, a grande maioria dos *educadores* latino-americanos entrevistados caracterizava-se como coordenadores de programas e agentes culturais, facilitadores da ação de outras pessoas.

Dentre os "valores educativos" que davam suporte às "articulações" exercidas pelo profissional do novo campo, destacavam-se: a) a opção por se aprender a trabalhar em equipe, respeitando-se as diferenças; b) a valorização do erro como parte do processo de aprendizagem, c) a alimentação de projetos voltados para a transformação social.

A FAPESP acolheu positivamente o resultado da pesquisa, incentivando o NCE a prosseguir no trabalho de difusão do conceito, aprovando, em seguida, um programa de pós-doutorado do coordenador do Núcleo, realizado nos Estados Unidos, entre 1999 e 2000, cujo objetivo foi observar as formas como os especialistas norte-americanos estavam tratando conceitual e praticamente a inter-relação objeto dos cuidados dos pesquisadores brasileiros⁵.

Mais de 17 mil são introduzidos ao conceito, em cinco anos!

No campo da formação de educadores, o NCE foi chamado a atuar, entre 1998 e 2005, em cinco grandes programas, atendendo, através de cursos de média duração (de seis meses a um ano) docentes de 1.500 escolas públicas dos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, formando, no seu conjunto, aproximadamente 17 mil pessoas. Estamos nos referindo aos cursos:

⁵ - Durante sua estadia na América do Norte, o pesquisador do NCE testemunhou a expansão do campo da denominada *Media Education*, que, na reforma curricular promovida pelo Presidente Clinton, passou a ser contemplada nos parâmetros curriculares de todos os 50 Estados americanos. Identificou uma vertente específica da educação para a mídia, a que denominou "citizenship model", voltada a uma relação dialética dos consumidores com a produção midiática. Notou, também, que uma certa prática educacional podia ser observada junto à ação de arte-educadores das grandes cidades, através de projetos destinados a ganhar para a cidadania a juventude marginalizada – especialmente a negra e a latino-americana - através de exercícios de produção midiática, especialmente com o uso do vídeo.

a) **Informática na Educação**, sob a perspectiva educomunicativa (Programa de Educação Permanente da Secretaria Estadual de Educação, atendendo a 900 professores, na cidade de São Paulo. 1998).

b) **Educom.Rádio** - Educomunicação pelas Ondas do Rádio – www.educomradio.lcom.br (projeto destinado a formação de 11 mil, entre professores, alunos e membros das comunidades educativas de 455 escolas do município, desenvolvido entre 2001 e 2004).

c) **Educom.TV** – Educomunicação e Linguagem Audiovisual – www.educomtv.see.inf.br (projeto destinado a 2240 professores vinculados a 1.024 escolas do Estado de São Paulo, tendo como objeto a capacitação para um adequado relacionamento da escola com a TV, sob a perspectiva do planejamento educomunicativo. 2002).

d) **Todeolho.TV** www.educomtv.see.inf.br (desenvolvido junto a 30 escolas matriculadas no Educom.TV, envolvendo 30 professores e 300 alunos, tendo como objetivo analisar a TV através de jogos num ambiente virtual. 2002)

e) **Educomrádio.centro-oeste** – www.educomradio.com.br/centro-oeste (financiado pela Secretaria de Ensino a Distância do MEC, o projeto vem sendo desenvolvido junto a 70 escolas da Região Centro-Oeste, atendendo 140 professores e 2500 alunos do ensino médio. Aldeias indígenas e comunidades quilombolas integram as escolas atendidas. 2004-2005).

Simultaneamente, os especialistas do NCE têm sido convidados para centenas de palestras e de conferências em número razoável de centros culturais e universidades distribuídos por outras regiões do país. Nos registros do NCE constam os debates realizados em Bogotá, em 2000; em Roma, em 2003; em Bangok, em 2004 e em Accra, Ghana, em 2005, em espaços oferecidos pela UCIP – *Union Catholique Internationale de la Presse*, responsável pela criação do Prêmio Internacional de Educomunicação, atribuído pela primeira vez no Congresso Mundial da Tailândia, em outubro de 2004.

A educomunicação como política pública

No dia 28 de dezembro de 2004, a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, sancionou a lei 13.941, aprovada pela Câmara Municipal. O documento tem o mesmo título do projeto desenvolvido pelo NCE nas escolas públicas do município entre 2001 e 2004: “Educom.rádio – Educomunicação pelas Ondas do Rádio”.

A lei, de autoria do vereador Carlos Neder, do PT, adota o conceito trabalhado pela USP, descrevendo a educomunicação como “o conjunto dos procedimentos voltados ao planejamento e implementação de processos e recursos da comunicação e da informação, nos espaços destinados à educação e à cultura, sob a responsabilidade do Poder Público Municipal, inclusive no âmbito das Subprefeituras e demais Secretarias e órgãos envolvidos”.

Define que o programa instituído pela lei destina-se “a ampliar as habilidades e competências no uso das tecnologias, de forma a favorecer a expressão de todos os membros da comunidade escolar, incluindo dirigentes, coordenadores, professores, alunos, ex-alunos e demais membros da comunidade do entorno”.

Pela lei, os dirigentes e coordenadores de escolas e equipamentos de cultura do Município, inclusive no âmbito das Subprefeituras e demais Secretarias e órgãos envolvidos, assim como professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar deverão ser capacitados em atividades de educomunicação.

Com a lei, o novo campo foi reconhecido como foco necessário para o interesse público, nas áreas da saúde, meio ambiente, esporte, educação e cultura.

Para assegurar a aplicação da lei de acordo com seus objetivos e abrangência, ficou estabelecida a constituição de um Comitê Gestor, composto por representantes das Secretarias interessadas e da própria sociedade civil.

Como a lei será regulamentada e aplicada, somente a história nos dirá. O certo é que a academia já não pode mais rejeitar ou ignorar que algo absolutamente novo no campo da inter-relação Comunicação/Educação está ocorrendo. A preocupação, agora, é saber que

tipo de projeto de formação a Universidade vai colocar em ação. Seria uma tragédia fazer uso do título, que é novo, para embalar velhos conceitos.

O Bacharelado, que ainda falta

No caso da preparação de profissionais para atender demandas como as apontadas pela Lei do Educom, o caminho dos cursos de especialização e de extensão já não é mais suficiente.

Uma expectativa de mercado para o exercício da profissão do educador já existe. Aliás, o único mercado totalmente aberto aos estudantes de comunicação, levando em conta a saturação dos campos tradicionais do exercício das profissões na área⁶.

A recente criação da Rede Brasileira de Educadores Sócio-ambientais, por parte dos agentes culturais e jornalistas a serviço dos programas do Ministério do Meio Ambiente, demonstra, por outro lado, que o conceito já é aceito fora das fronteiras da educação formal, apontando para a necessidade de uma formação profissional ainda não oferecida pela universidade brasileira.

O que se espera de um Bacharelado em Educação

Diante dos resultados da pesquisa e a partir da convivência com especialistas no campo, temos condições de desenhar, hoje, um projeto de formação em nível de graduação⁷ que poderia ser constituído por um conjunto de núcleos teóricos e de práticas ou exercícios laboratoriais que possibilitem ao estudante:

⁶ - Imagine-se, tão somente, se os estados do Brasil imitassem o Estado de São Paulo, que no início do Governo Alkimin, do PSDB, implantou o Educom.TV em 1.024 escolas, para o que o NCE necessitou preparar 50 educadores; ou se as prefeituras do Brasil, que são 5.500, imitassem o que fez Marta Suplicy, do PT, em São Paulo, entre 2001 e 2004, ao criar o projeto Educom.rádio, para cuja implementação, o NCE formou mais de 1/100 educadores; ou mesmo se regiões como a do Cento Oeste fossem beneficiadas por decisões como a ocorrida durante o Governo Federal, à época do Ministro Buarque, para o que o NCE mobilizou outros 40 especialistas? Isso apenas para lembrar o campo da educação pública e formal. No campo federal, projetos como o da Casa Brasil, já inclui a educação no processo de formação de seus agentes.

⁷ - Nossa primeira proposta no sentido de que fosse criado um bacharelado ocorreu durante o Congresso da ABT - Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, no Rio de Janeiro, em 1993. Em 1994, um projeto nesse sentido foi elaborada para a ECA/USP.

- a) Adquirir informações e elaborar sínteses sobre as teorias da comunicação e as filosofias da educação, permitindo estudos comparados sobre as interseções entre estas áreas, garantindo, por outra patê, o suporte teórico para projetos no novo campo.
- b) Adquirir informações sobre a história e os fundamentos da educomunicação, bem como de suas metodologias de trabalho.
- c) Adquirir conhecimentos sobre os fundamentos ântropo-psico-sociais que dão sustentação aos comportamentos e às ações dos grupos humanos, de forma a permitir entender como se formam os ecossistemas comunicativos para os quais ou em função dos quais os futuros profissionais irão dedicar seu tempo e suas habilidades.
- d) Dominar a história e as linguagens da comunicação e das artes, suas tecnologias, bem como suas aplicações aos propósitos da nova prática profissional (no caso, um curso de educomunicação necessitaria contar com estúdios e laboratórios voltados a cada mídia e à sua integração)
- e) Dominar os procedimentos relacionados à elaboração de planos, programas e projetos nas várias áreas em que se manifesta o campo da educomunicação (Educação para a mídia; Mediação tecnológica em espaços educativos; Gestão da comunicação na educação; Expressão comunicativa através das artes e das tecnologias; Metodologias da pesquisa em Educomunicação).

Uma vigilância epistemológica se fará necessária para que os projetos de graduação atendem as expectativas que se abrem diante do mercado emergente, não sucumbindo à tentação de simplesmente fazer uso da expectativa dos candidatos a educadores com a oferta de conteúdos inadequados ou firmados em fundamentos funcionalistas desatualizados.

Bibliografia

KAPLUN, Mario, “De medios y fines en comunicación”
<http://www.comunica.org/chasqui/kaplun.htm>

- KAPLÚN**, Mario. “Processos educativos e canais de comunicação”, in *Comunicação e Educação*, jan./abr. 1999, p. 68-75.
- KAPLÚN**, Mario. *El Comunicador Popular*, Buenos Aires, Lumen Humanitas, 1996.
- KAPLÚN**, Mario. *Una Pedagogía de la Comunicación*. Madrid, Ediciones de la Torre, 1998.
- ROSSETTI**, Fernando. "Projetos de Educação, Comunicação & Participação - Perspectivas para Políticas Públicas", UNICEF, 2004, <http://rossetti.sites.uol.com.br>
- SHAUN**, Ângela. *Comunicação e Educação: A Transversalidade de Ritmos e Falas*, tese doutoral, UFRJ, 1999.
- SOARES**, Ismar de Oliveira. *Educommunication*, NCE/UCIP, 2004.
- SOARES**, Ismar de Oliveira. “Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”, in *Contato*, Brasília, Ano 1, N 1, jan/mar. 1999, p. 19-74.
- SOARES**, Ismar de Oliveira. “Educomunicação: um campo de mediações. In *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, no. 19, pg. 12-24..
- SOARES**, Ismar de Oliveira. “Educomunicación: comunicación y tecnologías de la información en la reforma se la enseñanza americana”, in *Diálogos de FELAFACS*, Lima, Peru, octubre 2000, No. 59-60, p. 137-152.
- SOARES**, Ismar de Oliveira. “Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação”, In *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já./abr.. 2002, no. 23, pg. 16-25.
- SOARES**, Ismar de Oliveira. “Gestão da Comunicação no espaço educativo: possibilidades e limites de um novo campo profissional”, in BACCEGA, M. Ap. *Gestão de Processos Comunicacionais*, SP, Atlas, 2002.
- SOARES**, Ismar de Oliveira. “Gestión de la comunicación em el espacio educativo (o los desafios de la era de la información pra el sistema educativo”, in GUTIERREZ, Alfonso (Coord.), *Formación de Profesores*, Segovia, Univ. de Valladolid, 1998, p. 33-46.

SOARES, Ismar de Oliveira. “La Comunicación/Educación como nuevo campo de conocimiento”, in **VALDERRAMA**, Carlos Eduardo, *Comunicación-Educación, Coordinadas, Abordajes y Travesías*, Universidad Central, Bogotá, 2000, pg. 27-47.

SOARES, Ismar de Oliveira. “Bacharelado em Gestão de Processos comunicacionais, por uma nova opção profissional na relação Comunicação/Movimento Popular/Sociedade”, in *Tecnologia Educacional*, ABT, Rio de Janeiro, 22 (113-114): 42-48, jul/out, 1993.

VALDERRAMA, Carlos Eduardo, *Comunicación-Educación, Coordinadas, Abordajes y Travesías*, Universidad Central, Bogotá, 2000.